

ANEXO 3

PROPOSTA PARA DELIMITAÇÃO  
DA ÁREA INDÍGENA ARIPUANÃ  
DESTINADA AOS  
ÍNDIOS CINTA LARGA



EMILIA DE PASTORAL INDIGENISTA  
DA PRELAZIA DE RONDÔNIA (JI-PARANÁ)

CEDI - P. I. B.  
DATA 19/12/86  
COD. CLD 18

PROC. N.º 2861/81  
FLS. 03  
RUBRICA

PROPOSTA PARA DELIMITAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA ARIFUANÃ  
DESTINADA AOS ÍNDIOS CINTA LARGA

PROC. N.º 4982/78  
FLS. 101  
RUBRICA

ÍNDICE:

1.0 INTRODUÇÃO . . . . . pg 02

2.0 HISTÓRICO

    2.1 Os Índios . . . . . 02

    2.2 A Guerra . . . . . 03

    2.3 A Pacificação . . . . . 03

    2.4 Os Contatos . . . . . 04

3.0 SITUAÇÃO ATUAL

    3.1 A Vida . . . . . 04

    3.2 Novas Necessidades . . . . . 05

    3.3 A População . . . . . 05

    3.4 A Gripe . . . . . 06

    3.5 Distribuição da População . . . . . 06

4.0 A ÁREA INDÍGENA ARIFUANÃ

    4.1 Crítica à Interdição . . . . . 08

    4.2 Proposta para nova delimitação . . . . . 08

    4.3 Dificuldades: Frentes Pioneiras . . . . . 09

5.0 CONCLUSÃO . . . . . 10

ANEXOS:

1. "O índio pacifica o branco" (ESP,15.01.74). . 11

2. "Os cintas-largas, doentes já começam  
a abandonar cidade" (ESP,01.06.74) . . . . 12

3. Dados populacionais . . . . . 13

4. Pirâmide Populacional . . . . . 15

5. Mapa . . . . . 16

6. Portaria FUNAI nº 562/N . . . . . 17

7. Documentação Fotográfica . . . . . 18

PROC. N.º 986/187 02  
FLS. 04  
RUBRICA [assinatura]

PROPOSTA PARA DELIMITAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA ARIPUANÃ  
DESTINADA AOS ÍNDIOS CINTA LARGA

PROC. N.º 4982/78  
FLS. 102  
RUBRICA [assinatura]

1.0 INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui uma proposta para a eleição definitiva da Área Indígena Aripuanã, habitat tradicional de alguns grupos de índios Cinta Larga, localizados entre o rio Branco, afluente do rio Aripuanã, e o rio Guariba. Esta área encontra-se, atualmente, sob o regime de interdição através da Portaria da FUNAI nº 562/N, de 14 de março de 1979. A Portaria tinha por finalidade garantir a inviolabilidade do território ocupado por estes índios, até que um levantamento mais completo da situação permitisse a delimitação e posterior demarcação de uma reserva apta e suficiente para estes grupos Cinta Larga, situados fora do Parque Indígena Aripuanã.

A Prelazia de Rondônia (Ji-Paraná), através de seus agentes de Pastoral Indigenista, Ivar L. V. Busatto, Anna Gruber e João Dal Poz, sob a orientação do pe. Thomás de Aquino Lisboa, da Missão Anchieta, interessou-se em realizar este trabalho de reconhecimento da região, localização das diversas malocas e verificação dos territórios de caça, coleta e plantio, tendo em vista apresentar uma proposta de delimitação da área necessária para a sobrevivência deste povo indígena. Ao mesmo tempo, esta equipe da Prelazia de Rondônia vem prestando assistência a estes grupos, como forma de atenuar os efeitos do contato indiscriminado com as frentes pioneiras que invadiram seu território.

2.0 HISTÓRICO

2.1 Os Índios

Os Cinta Larga, autodenominados Mãatpétamáy, pertencem à família linguística Tupi-Mondé, sendo portanto, aparentados com os Gaviões, Zorós, Araras e Suruis, todos habitando os vales dos rios Aripuanã, Roosevelt e seus afluentes. A história do contato destes povos com a sociedade nacional está marcada pela violência com que

foram tratados pelas frentes pioneiras que invadiram seus territórios (seringais, garimpos, caçadores de peles, etc.). Também as doenças contagiosas, próprias da nossa sociedade, foram responsáveis por grandes mortandades no seio destes povos.

A região situada <sup>ao sul</sup> abaixo do paralelo 10°, entre os rios Guariba e Aripuanã, é habitat tradicional do povo Cinta Larga, fato comprovado pela existência de inúmeros sítios arqueológicos onde são encontrados cacos de panelas de barro típicas de sua cultura. Exemplos desses sítios encontram-se no roçado novo da maloca do Naki, nas cabeceiras do igarapé Ouro Preto; na Fazenda Rio Branco, próximo a foz do Ouro Preto; e nas proximidades da vila de Aripuanã, onde uma panela intacta foi desenterrada por uma arqueóloga vinculada ao INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia).

## 2.2 A Guerra

Estes grupos Cinta Larga a que estamos nos referindo entraram em contato, inicialmente, com seringueiros do rio Guariba há 30 anos atrás, segundo depoimento dos próprios índios, confirmado por antigos seringueiros do Guariba, agora residindo no beiradão do rio Aripuanã. Foram desta época as primeiras epidemias de gripe, que causaram muitas mortes, resultando no desaparecimento de algumas malocas. Atribuindo aos seringueiros a causa da grande mortandade, os Cinta Larga declararam guerra aos seringais. O último ataque ocorreu ainda no início da década passada quando um grupo de índios foi passear na casa de alguns seringueiros que os receberam a tiros. Três índios ficaram feridos. No revide os índios mataram um seringueiro e feriram outro.

## 2.3 A Pacificação

Acosados pela gripe e pela hostilidade dos seringueiros no Guariba, os índios se dirigem para os lados do rio Aripuanã, onde realizam uma verdadeira "pacificação" da população envolvente, a fim de obter remédios e ferramentas.

Nesta época (1973), estava instalando-se na vila do Salto de Dardanellos (Aripuanã) o Núcleo Pioneiro de Humbolt, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Também estava em construção a estrada Vilhena-Aripuanã, a qual recebeu severas críticas no

"Simpósio sobre o futuro dos índios Cinta Larga", promovido pelo Museu Rondon da UFMT, no mês de março de 1973, o traçado da estrada cortava o território Cinta Larga, passando muito próximo a uma das aldeias localizada nas cabeceiras do rio Vermelho, afluente da margem esquerda do rio Juruena.

A "pacificação" realizada pelos Cinta Larga foi muito bem documentada na reportagem "O Índio Pacifica o Branco", de Mário Chimanovitch, no jornal O ESTADO DE SÃO PAULO de 15.01.74 (Anexo 1), e é confirmada por depoimentos de moradores de Aripuanã e dos próprios índios. Em outubro de 1973 os índios deixaram presentes para uma equipe de botânica do INPA, que realizava estudos na região da margem esquerda do rio Aripuanã, próximo ao Salto da Andorinha. No dia 11 de janeiro de 1974, três guerreiros Cinta Larga, sua mulheres e crianças, entram na vila de Aripuanã distribuindo colares, cocares e outros enfeites aos moradores que iam encontrando no caminho, tentando dessa forma estabelecer relações de amizade com os "civilizados". O mesmo O ESTADO DE SÃO PAULO em sua edição de 01.06.74 (Anexo 2) documenta a segunda visita dos Cinta Larga à Aripuanã. Desta vez, foram 69 índios que aí estiveram e, contaminados pela gripe contraída na cidade, retiraram-se irritados para suas malocas. Os técnicos da UFMT, sediados no Núcleo Humbolt, não foram capazes de prestar assistência ao grupo. Os Cinta Larga contam que desta gripe mais da metade de sua população veio a falecer.

PROC. N.º 4982/78  
FLS. 104  
RUBRICA

#### 2.4 Os contatos

De 1974 para cá estes Cinta Larga vêm mantendo um contato intermitente com a população envolvente, visitando com frequência: a vila de Aripuanã, onde alguns chegaram a passar temporadas de 2 a 3 meses hospedados no Núcleo Humbolt; o Garimpo Ouro Preto, encravado no coração da área interdita; e o campo de pouso da Fazenda Rancho Grande, às margens do rio Guaribu.

### 3.0 SITUAÇÃO ATUAL

#### 3.1 A Vida

Estes grupos Cinta Larga mantêm seu sistema de vida tra

dicional, apenas arrefecido devido a grande depopulação que sofre ram. Moram em suas malocas típicas. Seus roçados são grandes, em média de 3 hectares de roças novas por ano para cada maloca. Ali são plantados espécies de macaxeira, cará, batata, milho branco, feijão, algodão, amendoim, urucum, "maranhia", mamão e banana.

A principal atividade dos homens é a caça. Seus arcos e flechas são fabricados com grande capricho. Percorrem um território de 15 km de raio médio ao redor da maloca perseguindo macacos, queixada, anta, caítitu, tatu, mutum, jacaré, paca, etc. Durante a estação seca, grupos de 2 a 3 famílias, costumam acampar à beira dos córregos distantes um dia de viagem das malocas.

Os Mãatpétamáy dividem-se em 3 clãs principais denominados Kaban, Mam e Kakin. Esta divisão explica a formação das malocas e a existência das diversas lideranças.

Algumas famílias costumam circular bastante entre as malocas, passando temporadas. São também frequentes as viagens ao P.I. Serra Morena, onde estão diversos parentes seus.

### 3.2 Novas Necessidades

O "mundo de fora" vem exercendo uma influência crescente na vida destes índios. Assim, as ferramentas como o machado, o facão, a faca, a enxada, e os utensílios domésticos como a panela, o prato, o caneco, a colher e a concha, já se tornaram necessidades. Estes objetos são adquiridos em troca de colares, pulseiras, arcos e flechas, com os garimpeiros e habitantes das vilas. A curiosidade também os leva a empreender "passeios" às localidades de Aripuanã, Juina e até Vilhena, desejosos de conhecer o modo de vida dos "civilizados". O índio não entende o português, assim só consegue se comunicar precariamente com a população regional.

No entanto, a vida tribal permanece. É a garantia da sobrevivência deste povo indígena. Após os longos "passeios" o índio volta, reintegrando-se perfeitamente na comunidade.

### 3.3 A População

De um modo geral é uma população jovem, pois poucos ve-

PROC. N.º 4982/78  
FLS. 105  
RUBRICA

lhos sobreviveram às epidemias de gripe. Após a grande mortandade ocorrida entre os anos de 1974 e 1976, a população volta a crescer, sendo grande o número de crianças nas malocas.

O estado físico geral é bom. São fortes, sadios, com grande resistência. A alimentação é a tradicional do grupo. Apresentam também uma boa dentição, com baixa incidência de cáries.

Aparentemente não existe especialização da função de "curandeiro". Todos possuem o conhecimento dos "remédios do mato", preparados a partir de uma grande variedade de raízes, ervas, folhas e cascas de árvores. O índio também aceita com facilidade a nossa medicação.

3.4 A Gripe

PROC. N.º 4982/78  
FLS. 106  
RUBRICA

As epidemias de gripe ainda apresentam um risco considerável para esta população Cinta Larga. Quando aparece um elemento gripado todos, indistintamente, contraem a doença em um ou dois dias, ficando prostrados durante semanas. Ficam assim paralizadas todas as atividades indispensáveis à sobrevivência do grupo: caçadas, pescarias, plantio, etc. Atualmente a fonte principal de contágio é o Garimpo Ouro Preto, onde existe um fluxo constante de novos funcionários, favorecendo o contágio de doenças infecciosas. Somente neste primeiro semestre de 1981 já ocorreram 2 surtos sérios de gripe, ameaçando a vida de crianças recém-nascidas.

3.5 Distribuição da População

Apresentamos em anexo, um quadro relacionando as 10 malocas existentes na área e seus moradores habituais (Anexo 3). Não possuímos dados populacionais relativo à maloca próxima à foz do rio Capitão Cardoso e à maloca do "Ami Sut" (malocas 09 e 10), pois estas não foram visitadas, como se verá abaixo. Assim, a população recenseada soma a 83 indivíduos.

Analisando-se a pirâmide populacional comprova-se a juventude desta população Cinta Larga (Anexo 4).

O mapa em anexo apresenta a localização das diversas malocas, de algumas capoeiras (roçados antigos), do taquaral utiliza

PROC. N.º 11982/78  
 FLS. 107  
 RUBRICA

PROC. N.º 2801/77  
 FLS. 09  
 RUBRICA

do pelos índios, do Garimpo Ouro Preto e das fazendas que se instalaram na região (Anexo 5).

O reconhecimento da região e a localização das diversas malocas foram realizados nas seguintes etapas:

1. O pe. Thomás Lisboa, acompanhado do pe. Antonio Iasi, ex-secretário do CIMI, e do ir. Salvador Valadares, então coordenador do CIMI-Amazônia Ocidental, realizam uma viagem em julho/78, para levantamento da situação de contato dos índios Cinta Larga, entre Vilhena-Fontanillas-Salto de Aripuanã. As notícias eram de que os índios apareciam frequentemente nos acampamentos da CODEMAT (Companhia de Desenvolvimento do Mato Grosso).

2. Em junho/79 foi feita a primeira visita à aldeia Cinta Larga das cabeceiras do igarapé Ouro Preto. Desde então a equipe da Prelazia de Rondônia (Ji-Paraná) vem desenvolvendo seu trabalho de assistência, principalmente, junto às malocas do Parakida, do João, do Naki, do Sabá e do Roberto, localizadas na região do Ouro Preto.

3. Durante o mes de setembro de 1980 a equipe realizou uma expedição às cabeceiras do Guariba, visitando a maloca velha do Sabá, a maloca do Antonio, a do Capitão e a do Pio.

4. Nos dias 03 e 04 de maio de 1981, fretando um avião monomotor Cessna 210, pilotado por Walter Simmler, baseado em Vilhena, foram realizados 09 horas de sobrevôo por toda a área, quando procurou-se localizar com precisão as diversas malocas e verificar os possíveis limites duma área reservada a estes índios. Nesta ocasião localizamos a maloca situada a 4 minutos de vôo (aproximadamente 36 km) da confluência do rio Capitão Cardoso com o Roosevelt (maloca 09). Aproveitamos também para conhecer as sedes das 2 fazendas às margens do rio Guariba, que possuem pistas de pouso, pois a Fazenda Rancho Grande é frequentemente visitada pelos Cinta Larga das malocas próximas.

5. A maloca do "Ami Sut" (maloca 10) está indicada somente através de informações dos índios. Não foi possível encontrá-la por ocasião do sobrevôo pois, até então, não possuíamos dados seguros de sua localização.



#### 4.0 A ÁREA INDÍGENA ARIPUANÃ

PROC. N.º 4982/78

FLS. 108

RUBRICA

##### 4.1 Crítica a interdição

A área descrita pela Portaria da FUNAI de nº 562/N de 14.03.79 que interdita a Área Indígena Aripuanã (Anexo 6) não corresponde ao território realmente ocupado e necessário para a sobrevivência destes grupos Cinta Larga, isto porque (ver mapa Anexo 5) :

1. Não abriga as malocas do Guariba e a maloca da foz do rio Capitão Cardoso;
2. Abrange área entre o rio Aripuanã e o rio Branco não utilizada pelos índios, causando assim atritos desnecessários com a cidade de Aripuanã, interessada em tornar esta área produtiva.

##### 4.2 Proposta para nova delimitação

Tendo em vista que a Portaria 562/N não é garantia para a sobrevivência desta população Cinta Larga pois, possuindo um caráter de emergência, foi levantada através de informes incompletos da real ocupação da área pelos índios, sugerimos que seja efetivada a Área Indígena Aripuanã, situada integralmente no município de Aripuanã-MT, com a seguinte delimitação:

Norte: Partindo da interseção do Paralelo 10° 00' 00" S com o Rio Guariba, segue pelo referido Paralelo até sua interseção com o Rio Branco, afluente da margem esquerda do Rio Aripuanã.

Leste: Deste ponto sobe o Rio Branco até a confluência do Igarapé de nome desconhecido à margem <sup>DIREITA</sup> esquerda, no ponto de coordenadas aprox.: 10° 22' 54" S e 59° 42' 00" W. Sobe por este Igarapé até sua Cabeceira principal donde, por uma linha reta e seca, vai atingir a confluência do Córrego da Lontra com seu afluente principal da margem esquerda, no ponto de coordenadas aprox. : 10° 33' 41" S e 59° 35' 27" W. Desce então o Córrego da Lontra até a sua confluência com o Rio Aripuanã. Daí, sobe por este Rio até a confluência do Igarapé Amarelo.

Sul: Deste ponto sobe o Igarapé Amarelo até a Cabeceira do seu Braço sul, ponto de coordenadas aprox.: 10° 57' 20" S e 59° 53' 08" W. Daí segue por uma linha seca até atingir o ponto de coordenadas aprox.: 10° 57' 30" S e 59° 54' 00" W, situado na Cabeceira do Ribeirão das Perdidas. Desce então este Ribeirão até a sua confluência com o Rio Capitão Cardoso e, descendo por este Rio, vai atingir a sua confluência com o Rio Roosevelt.

Oeste: Deste ponto desce o Rio Roosevelt até a confluência de um Igarapé de nome desconhecido à margem direita, no ponto de coordenadas aprox.: 10° 42' 57" S e 60° 26' 35" W. Sobe por este Igarapé até a Cabeceira de seu Braço norte no ponto de coordenadas aprox.: 10° 34' 46" S e 60° 11' 18" W. Daí, por uma linha reta e seca vai atingir a Cabeceira do Igarapé Guaribinha, formador do Rio Guariba, no ponto de coordenadas aprox.: 10° 30' 00" S e 60° 12' 16" W. Desce então este Igarapé até a sua confluência com o Rio Guariba e, daí, desce este Rio até sua interseção com o Paralelo 10° 00' 00" S.

PROC. N.º 4982/78  
 FLS. 109  
 RUBRICA

4.3 Dificuldades: Frentes Pioneiras

O Garimpo Ouro Preto é o único empreendimento localizado no interior da Área Indígena. Sua exploração teve início em 1978, quando havia mais de uma centena de garimpeiros trabalhando pelo processo manual na cata do ouro. Os garimpeiros abriram então a pista de pouso para facilitar o acesso ao local. Em 1979 houve uma tentativa de mecanização da lavra do ouro pela Mineração Rondon. Atualmente o Garimpo vem sendo explorado pela ANCON Mining, firma de capital financeiro norte-americano, associada à Mineração Rondon que detem o alvará de pesquisa e lavra concedido pelo DNPM. O Garimpo ainda está instalando sua infraestrutura no local: represa, montagem das dragas, alojamentos e uma nova pista de pouso de 900 metros de comprimento.

É necessário a urgente paralização das atividades do Garimpo Ouro Preto que, desrespeitando a Portaria 562/N, provoca a dispersão do grupo indígena, atraído pela movimentação de homens e máquinas, e põe em risco suas vidas, devido aos frequentes surtos de gripe e outras doenças infecciosas que atingem a população regional.

A Fazenda Rio Branco, aberta em 1977, até agora não tem mais que uma pequena desmatção que abriga a sede e possibilita a produção agrícola de subsistência. Unicamente o campo de pouso da Fazenda encontra-se dentro da Área Indígena ora proposta, pois o referido campo localiza-se à margem esquerda do Rio Branco.

Quanto às duas pistas de pouso às margens do rio Guariba, também encontram-se fora da Área proposta, bem como as áreas reivindicadas pelas fazendas. A pista nova localiza-se à margem esquerda do rio e a pista da Fazenda Rancho Grande, de propriedade de João Bechmann, está situada à margem direita do rio, porém, ao norte da Área Indígena.

5.0 CONCLUSÃO

A Prelazia de Rondônia (Ji-Paraná), através de sua Equipe de Pastoral Indigenista, tendo por objetivo garantir a sobrevivência física e cultural desta população Cinta Larga e respeitar seu direito histórico ao território por ela habitado, propõe à Fundação Nacional do Índio que sejam tomadas as seguintes medidas:

1. Paralisação imediata das atividades do Garimpo Ouro Preto, atendendo ao disposto na Portaria 562/N;
2. Delimitação e posterior demarcação da Área Indígena Aripuanã segundo os limites acima descritos, de acordo com o Art. 19 da Lei 6.001, de 19.12.73 (Estatuto do Índio).

Cuiabá, 01 de setembro de 1981

Equipe de Pastoral Indigenista  
da Prelazia de Rondônia (Ji-Paraná)

ANEXO 2:

PROC. N.º 286-1/51 12  
FLS. 14  
RUBRICA  
PROC. N.º 4982/78  
FLS. 112  
RUBRICA

ESTADO de SÃO PAULO 1106/74  
**Os cintas-largas, doentes, já  
começam a abandonar cidade**

Do correspondente em  
CUIABA e da Sucursal de  
BRASILIA

Cerca de 30 guerreiros, dos 69 índios cintas-largas que há uma semana apareceram na Cidade-Laboratório de Humboldt, em Aripuanã (MT), retornaram à selva, com gestos nervosos, contaminados pela gripe que apanharam dos moradores da vila de Dardanellos. Em meio à notícia de uma possível revolta dos índios, a Universidade Federal de Mato Grosso, responsável por Humboldt, informou que deverá assinar com a Funai um plano de assistência aos cintas-largas.

Os índios apareceram em Aripuanã acompanhados de 22 crianças e mulheres, o que indica seu interesse de confraternização. Foram muito bem recebidos pela população de Dardanellos, uma vila de seringueiros e caçadores (perto da qual instalaram-se os técnicos do Projeto Aripuanã) ganhando comida e roupas, de vez que estavam famintos.

Embora tenham ficado preocupados com os contatos dos índios com a população, os técnicos da Universidade nada tinham a oferecer: seu plano de atração dos índios para contatos amistosos falhou na medida em que não tinham alimentos nem remédios para dar aos cintas-largas. Somente anteontem um Buffalo FAB voou para

Aripuanã levando esses produtos, mas os índios já recebiam cigarros e aguardente e disputavam colares, pulseiras.

O sociólogo João Vieira dos Santos, diretor do Museu Rondon, viu os índios e comentou: "Tossiam muito, quase todos com febre e com o ar entristecido. Não sei, sinceramente, o que poderá ocorrer. Se um massacre da população de Dardanellos, ou muitas mortes entre os cintas-largas pela gripe".

Na verdade, as duas hipóteses preocupam, pois os 30 guerreiros que se embrenharam na selva podem voltar acompanhados de outros para atacar as pessoas que lhes passaram doenças. Ou estenderem a gripe ao resto do grupo tribal.

**Assistência**

João dos Santos informou que, em função do convenio que a Universidade poderá assinar com a Funai para assistência aos índios, a cidade de Humboldt poderá ser transformada, nesse centro de atendimento, apesar de estar fora dos limites do Parque Indígena de Aripuanã. Só desta maneira, na verdade, as autoridades poderiam controlar a população de Dardanellos em relação aos índios.

O Projeto Radam buscará uma área ideal para localização da sede do Parque e também deverá ser construído um campo de pouso entre os rádio-faróis de Vilhena e de Humboldt, integrando os centros de apoio do Projeto Ari-

puaná e da Funai. "Esses estudos" — disse João dos Santos — "poderão, se não houver problemas burocráticos, ser completados até o início das chuvas".

A Funai também destacou o antropólogo Hélio Rocha para avaliar a situação dos cintas-largas e suas relações com os brancos. O resultado do estudo deverá ser apresentado ao ministro do Interior dentro de 12 anos. Enquanto isso, o seretanista Apoena Meirelles, diretor do Parque de Aripuanã, seguirá para a área de Humboldt.

**Branços**

A Funai confirmou ontem o contato feito pelo seretanista Raimundo Alves com um grupo de índios brancos, de olhos azuis, no Igarapé de Ipixuna, no Pará. O contato foi conseguido em dezembro, mas a Funai pretendia manter reserva em torno da pesquisa científica que está desenvolvendo na área.

Os técnicos indigenistas em Brasília, afirmam que a presença de brancos entre índios não é estranha. Especialmente no Pará, os grupos caiapós, no passado, raptaram filhos de colonos que atacavam. Eles cresciam nas tribos, adquirindo os mesmos hábitos e costumes dos índios. Este fato foi verificado por Francisco Meirelles, que pacificou grupos de caiapós em 1945.

"O ESTADO DE SÃO PAULO"  
01 de junho de 1974

ANEXO 3: DADOS POPULACIONAIS

PROC. N.º 4982/78  
FLS. 113  
RUBRICA

idade aproximada

01. MALOCA DO PARAKIDA

Parakida	30 anos
1ª esposa	24 "
filho	06 "
filho	06 meses
2ª esposa	14 anos
Eduardo	40 anos
esposa	15 anos
Paulo	15 "
Manezinho	35 "
esposa	26 "
filho	03 meses
Pedro	36 anos
esposa	30 "
filha	05 "
filha	01 meses

02. MALOCA DO JOÃO

João	38 anos
esposa	38 "
filho	04 anos
filho	09 meses
Raimundo	19 anos
esposa	12 anos
Cabeludo	22 "
filha	05 "

03. MALOCA DO SABÁ

Sabá	43 anos
esposa	37 "
filha	06 "
filha	04 "
mãe do Sabá	60 "
Décio	43 "
esposa	45 "
filho	14 "
filho	10 "
filha	05 "

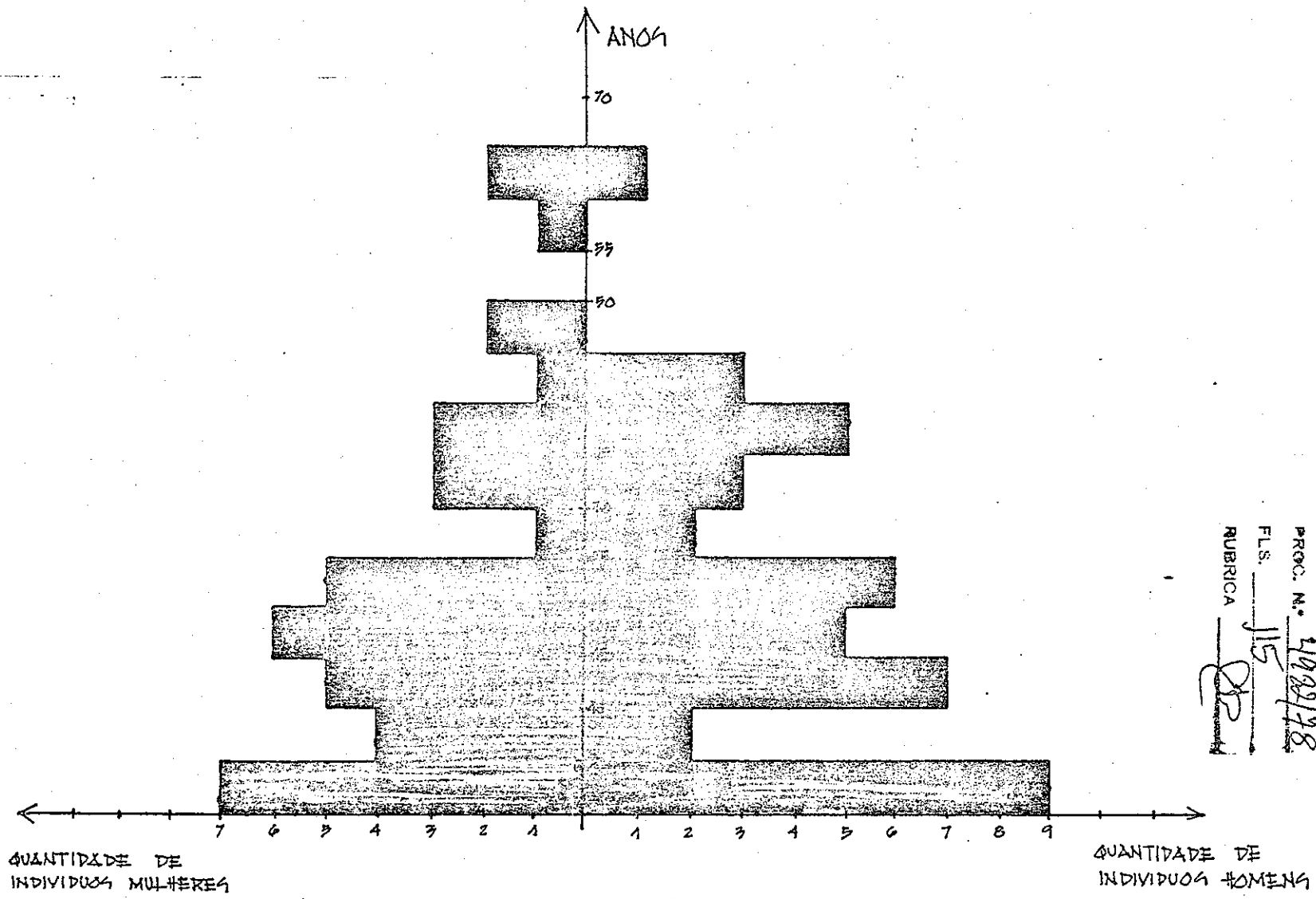
04. MALOCA DO NAKI

Naki	35 anos
esposa	20 "
filha	04 "
filha	01 meses
mãe do Naki	60 anos
tia do Naki	55 "
menino orfão	11 "
Nasek	38 "
1ª esposa	30 "
filho	11 "

ANEXO 3: (continuação)

filho	04 anos
2ª esposa	19 "
filho	03 "
Chico	30 "
filho	10 "
2ª esposa	11 "
<u>05. MALOCA DO ROBERTO</u>	
Roberto	18 anos
esposa	10 "
Mané	22 "
esposa	20 "
Fernando	22 "
esposa	40 "
<u>06. MALOCA DO ANTONIO</u>	
Antonio	25 anos
esposa	18 "
filho	02 "
Vovô	64 "
esposa	38 "
filha	02 "
filho	09 "
Geraldo	22 "
<u>07. MALOCA DO CAPITÃO</u>	
Capitão	30 anos
1ª esposa	45 "
2ª esposa	22 "
filha	03 "
Baiano	23 "
esposa	16 "
José	18 "
esposa	15 "
Tabajara	22 "
esposa	15 "
filha	02 meses
menino orfão I	12 anos
menino orfão II	11 "
<u>08. MALOCA DO PIO</u>	
Pio I	19 anos
esposa	11 "
viuva	33 "
filho	02 "
Pio II	27 "
esposa	24 "
filho	02 "
<u>09. MALOCA PRÓXIMA A FOZ DO RIO CAPITÃO CARDOSO (?)</u>	
<u>10. MALOCA DO "AMI SUT" (?)</u>	

ANEXO 4 : PIRÂMIDE POPULACIONAL



PROC. N.º 40929/98  
 FLS. 15  
 RUBRICA

PROC. N.º 2561/81  
 FLS. 15  
 RUBRICA

32

- ANEXO 5 -

**ÁREA INDÍGENA ARIPUANÃ**  
**- PROPOSTA DE ALTERAÇÃO -**

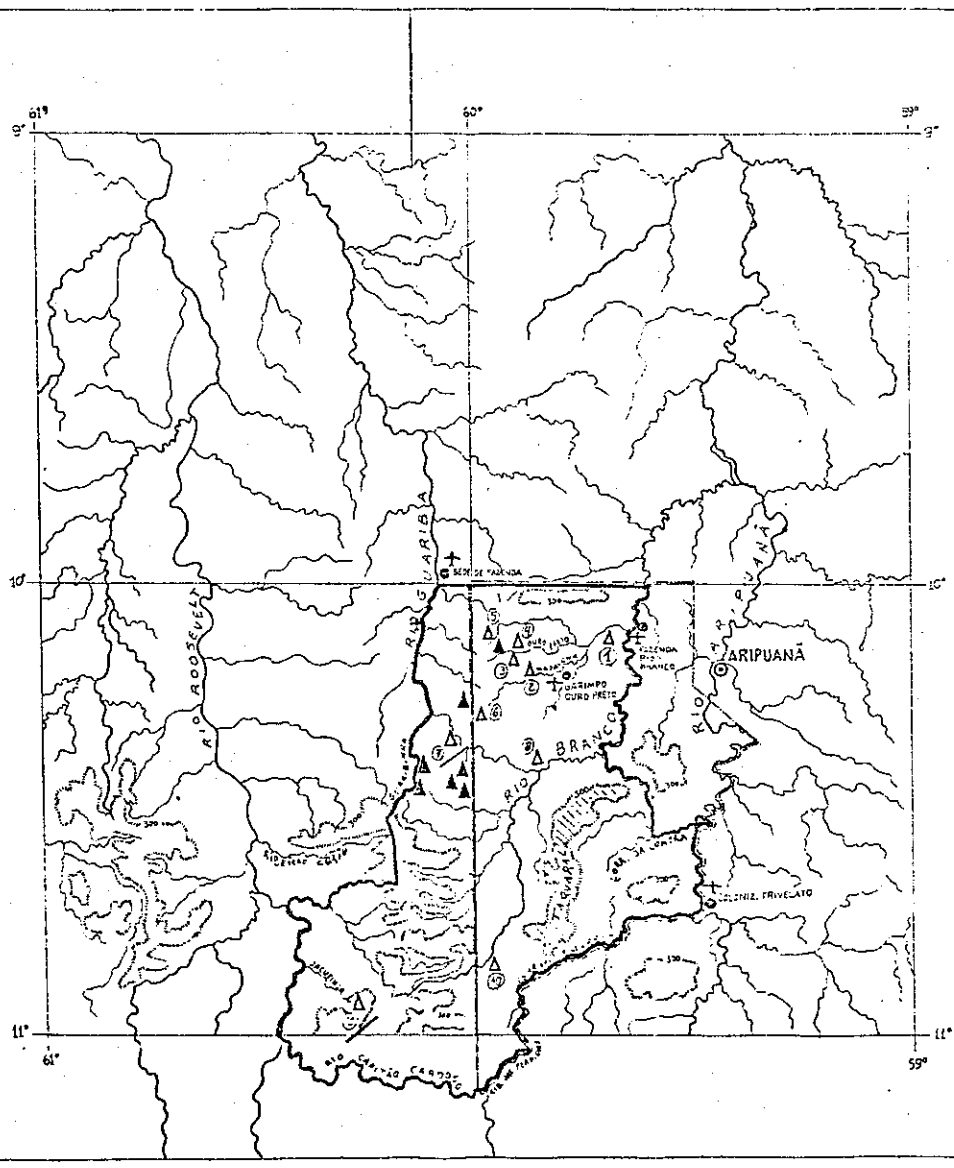
ESCALA 1:1.000.000

----- Limite da Área Interditada = 570.000 m²  
 conforme Portaria S/62/IN/14 03.79

===== Limite proposto = 170.000 m²

Δ Aldeia Indígena  
 ▲ Aldeia antiga (capoeira)  
 --- Serra  
 + Campo de pouso

Baseado na Carta Aeronáutica Mundial  
 -WAC 5070 - Aripuanã - Brasil





Carta S/M.

EQUIPE DA PASTORAL INDIGENISTA  
DA PRELAZIA DE RONDONIA JI-PARANÁ  
Caixa Postal 615 78.000  
Cuiabá MT

Proc.	2861/81
Fls.	37
Rubrica:	Titi

Brasília, 7 fevereiro 1983.

Exmº Senhor PAULO MOREIRA LEAL  
Presidente da FUNAI  
Brasília DF

FUNAI SEC. GAB	
00396	
ENT. <del>0000</del>	EM 8/2/83
SAÍDA	EM

Senhor Presidente,

PROC. N.º 4482/78  
 FLS. 136  
 RUBRICA

Levamos a seu conhecimento fatos recentes que envolvem área em que atuamos :ÁREA INDÍGENA ARIPUANÁ, interdita pela Portaria nº 562/N de 14/03/1979 da FUNAI.

Em fins de 1979, as firmas mineradoras EMAL e MINERAÇÃO RONDON, conseguiram, através do DNPM, alvarás de pesquisa em área ocupada pelos CINTA LARGA . Esta área, desde março de 1979, após sobrevoo e estudos, havia sido interdita e nomeada ÁREA INDIGENA ARIPUANÁ, definida a presença de vários grupos CINTA LARGA com esparsos contatos com a população envolvente.

Desde então, esses índios são submetidos a inúmeros contatos com a frente exploradora, com os danos irreparáveis provocados por situações de aliciamento, exploração e contaminação que tanto têm marcado a história desses contatos.

Em início de 1980, a as firmas Emal e Rondon foram compradas pela Empresa de Mineração AMCON MINING LTDA, de capital norte-americano, que demonstrou grande interesse na área, realizando tentativas de mecanização para a pesquisa e lavra. A infraestrutura desse empreendimento acentuou a curiosidade dos índios pelas máquinas e movimentação especial dos homens, tornando mais constantes as visitas dos índios ao garimpo, que se localiza praticamente no coração da área.

A área interdita está sendo invadida, pouco a pouco. Já em setembro de 1981, a Equipe da Pastoral Indigenista da Prelazia de Ji-Paraná encaminhou à FUNAI a Proposta de Delimitação da Área Indígena Aripuanã, protocolada nessa Fundação sob os números BSB 4982/78 e BSB 2861/81.

Em início de 1982, decorrente da grande crise de emprego na região, o Garimpo Ouro Preto foi invadido por centenas de homens. Quando a Empresa mineradora tomou conhecimento do fato, solicitou a ajuda do DOPS de Cuiabá, cujos agentes armados, invadiram também

a área, ocasionando grande tumulto, efetuando expulsões, etc., fatos presenciados por muitos índios que lá se encontravam. Esse fato acabou por acirrar os ânimos e tornar a situação ainda mais delicada, pois o que os garimpeiros não conseguiam entender e admitir era que " se a terra é dos índios, como é que a Empresa pode continuar a pesquisa dentro da área, sem ser molestada ? ".

Após várias tentativas frustradas de mecanização, houve uma desaceleração na atividade de pesquisa, ocorrendo, inclusive, intenção de "passar os direitos" a outras empresas, como informaram funcionários do Garimpo Ouro Preto.

É exemplo da situação de tensão na área nesse momento, a notícia de maio/junho de 1982 a respeito de massacre de índios Cinta Larga na foz do rio Guariba por funcionários da Fazenda Santa Helena, fato divulgado pela Folha de São Paulo e objeto de investigação da própria FUNAI.

Em agosto de 1982, encaminhamos ofício ao DNPM e a essa Fundação denunciando os fatos graves que estão ocorrendo numa área da União, já interditada pelo Órgão Tutor da população indígena, e pedindo providências ante as seguidas invasões. A área está se tornando cada dia mais tensa, com os índios sentindo o cerco e os efeitos da aproximação das frentes: sucessivas epidemias de gripe, aumento de malária, convivência com o álcool, prostituição, contatos indiscriminados.

Em fins de 1982, uma turma de "malopeiros" (picadeiros, garimpeiros ?) invadiram a MALOCA DO CAPITÃO, localizada próxima ao rio Guariba, demonstrando grande ousadia e confiança na impunidade. Na ocasião, levaram todas as ferramentas que encontraram, além de objetos pessoais dos índios, provocando enorme revolta nos CINTA LARGA que saíram à busca dos invasores.

Há poucas semanas, com a decisão do DNPM de estimular o trabalho manual na pesquisa e lavra, a AMCON MINING/UNIÃO EXPLORADORA MINERAL LTDA arrendou o Garimpo Ouro Preto que conta atualmente com centenas de homens, trabalhando na pesquisa e lavra a serviço do arrendatário.

A iminência de conflitos na área é real a não ser que medidas urgentes sejam tomadas, conforme consta na Proposta para delimitação da área indígena Aripuanã:

1. PARALIZAÇÃO IMEDIATA das atividades do Garimpo Ouro Preto e demais empresas invasoras da área, de acordo com a Portaria 562/N.
2. DELIMITAÇÃO e posterior DEMARCAÇÃO da Área Indígena na ARIPUANÃ, segundo os limites reais, de acordo com o artigo 19 da Lei 6001 de 19/12/1973.

Em contatos com o DNPM fomos informados que o prazo para a pesquisa está terminando, havendo pleito da Empresa de ampliação do prazo. Não resta dúvida de que o momento é bastante oportuno para uma manifestação firme da FUNAI, uma vez que o ESTATUTO DO INDIO está sendo desrespeitado e a sobrevivência física e cultural dos CINTA LARGA está em jogo.

No intuito de colaborar com a solução dessa situação crítica, acabamos de fornecer à FUNAI (DGPI), subsídios recentemente organizados sobre os limites efetivos da área de ocupação CINTA LARGA (área, localização mais aproximada das malocas, mapas), bem como sobre as regiões invadidas ("overlays" 169, 143, 110 & 020, elaborados pelo DNPM).

Confiamos que esses elementos possibilitem a ação enérgica e urgente da FUNAI e nos apresentamos dispostos a participar das atividades de solução do problema,

Atenciosamente,

PROC. N.º 4092/78  
Fls. 138  
RUBRICA [assinatura]

Maria Inês S. Hargreaves  
MARIA INES SALDANHA HARGREAVES  
pela Equipe da Pastoral  
Indigenista da Prelazia de  
Rondonia- Ji-Paraná

A DID  
Bonifácio  
C, 09.07.83  
José Obisajara B. Calbique  
Diretor Interino do DGPI

4982/18  
17  
Mello

PORTARIA Nº 1545 /E, DE 30 DE Agosto DE 1.983

20

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNAI, no uso das atribuições que lhe confere o Estatuto,

R E S O L V E :

I. Designar os servidores JOSÉ JOÃO DE OLIVEIRA - Chefe de Setor - DPI, e RAIMUNDO JATAY DA SILVA - Técnico de Agrimensura - 8ª AR, para procederem estudos preliminares e levantamento de campo objetivando a definição das Áreas Indígenas ARIPUANÁ, ZORÓ e MEQUEENS situadas nos Municípios de ARIPUANÁ e COSTA MARQUES, Estado de Mato Grosso e Rondônia, respectivamente, conforme dispõe o Decreto nº 88.118/83 de 25 de fevereiro de 1983.

II. Determinar o prazo de 40 dias para realização desse trabalho a partir de 30.08.83.

III. A despesa para realização do mesmo correrá por conta do POLONOROESTE.

*Octavio Ferreira Lima*  
OCTAVIO FERREIRA LIMA  
Presidente

Recebi o original  
Em, 20 / 8 / 83  
*[Signature]*

DID/DPI/JJO/rm.

38